

**DE MIM FALO:  
UMA BREVE ANÁLISE DA IDENTIFICAÇÃO EM UM RECORTE  
DA OBRA DE DALTON TREVISAN**

Rosangela Nascimento Vernizi

**Resumo**

Este artigo analisa a primeira frase da obra *A Polaquinha* de Dalton Trevisan, editada em 1985. Assim, a proposta deste estudo é examinar a primeira fala da protagonista, observando as articulações entre os artifícios lingüísticos empreendidos pelo autor na construção de seu texto às concepções psicanalíticas de Freud e Lacan.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira – Dalton Trevisan – nome próprio – identificação psicanalítica – teoria da recepção

**Abstract**

This article analyses the first sentence in Dalton Trevisan's romance *A Polaquinha* (1985). It aims at investigating the first protagonist's talk and how it dialogue with the linguistic mechanisms used by the author in the construction of the novel be compared to psychoanalytic's concepts of the Freud and Lacan.

**Key words:** Brazilian Literature – Dalton Trevisan's fiction – name – psychoanalytic's identification – theory of reception

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, conseqüências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasias, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor.

Sigmund Freud, 1907, 1996, p. 136

1. Introdução

Freud sempre sublinhou a importância da literatura, e em seu texto *O Moisés de Michelangelo* afirmou: “Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos freqüência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito” (FREUD, 1914, 1996, p. 217). Segundo Freud, a literatura ensina muito aos analistas, no que também concordava Lacan.

Assim, desde Freud, as articulações entre psicanálise e literatura têm se configurado em importante fonte de investigações, investigações estas que enriquecem tanto os estudos psicanalíticos quanto os estudos literários.

Tão importante quanto o diálogo entre psicanálise e literatura é Dalton Trevisan para a literatura brasileira. Nascido em Curitiba, Dalton Trevisan é considerado um dos maiores contistas brasileiros e toda sua obra tem como cenário a cidade de Curitiba, e é na análise da primeira frase do único romance de Dalton Trevisan que se propõe este estudo.

## 2. De mim falo

A capital paranaense não é representada na obra de Trevisan tal qual esta se apresenta nos meios de comunicação, nem tampouco há personagens charmosos e cenários recheados de *glamour*. O que o leitor encontra em grande parte da obra deste contista é uma cidade pecadora, pervertida, com traços suburbanos combinados a personagens solitárias e imersas em angústias e frustrações. Porém, nem tudo é sombrio, há humor em sua obra, humor este que cutuca tão certamente as feridas e os sentimentos mais sórdidos dos seres humanos, que leva o leitor a rir, às vezes desconcertado, como que pego de surpresa num ato infrator.

*A Polaquinha*, único romance deste contista, é publicado em 1985 e confirma a reputação de Trevisan de “mestre da história curta” (RESENDE, 1986, orelhas), pois embora considerado um romance, pode ser lido como um conto extenso.

A forma para Dalton Trevisan é algo levado a sério, pois seu mundo narrativo só é possível por seu estilo, lapidado e polido ao extremo, numa busca incessante pela palavra correta, a precisa concisão que diz tudo sem apelar a inúteis vícios lingüísticos. Mesmo quando utiliza clichê, este está sempre envolvido por uma metáfora criativa.

Além da habilidade no emprego de metáforas, o autor tem como característica principal o minimalismo, pois Trevisan tem uma tendência quase obsessiva para a simplificação e redução dos elementos constitutivos do texto, o que, de forma alguma, torna seus textos incompreensíveis.

Assim, de acordo com a teoria da recepção, o caminho que leva à redução da linguagem, incorporando o não dito, vem como estratégia a instaurar estes espaços – lacunas – que são “vazios” (ISER, 1996) a serem preenchidos pelos leitores. Este espaço que provoca a participação do leitor é chamado por Wolfgang Iser de hiato (ISER, 1996, p. 10).

O hiato da criatividade da recepção em Iser é o espaço para o leitor relacionar suas vivências com a experiência da leitura e assim sentir-se interagindo com o texto. Em *A Polaquinha*, o vazio começa logo na primeira frase do romance: “Bobinha, de mim já não falo.” (TREVISAN, 1986, p. 5).

A narrativa em primeira pessoa já se inicia demonstrando o caráter dúbio da protagonista, pois embora empregue uma negativa “de mim já não falo”, antes ela já havia falado dela própria: “Bobinha”. Por que haveria a Polaquinha de se auto-intitular “bobinha”?

Interessante ressaltar que além do “bobinha” ser a primeira palavra do romance, é também o momento em que a protagonista se apresenta, pois como logo depois do adjetivo há uma vírgula seguida da expressão “de mim”, pode-se ter a certeza de que o adjetivo é atribuído a ela própria. Soma-se ao emprego deste adjetivo – que carrega em sua etimologia o “ser tolo”, simplório, insignificante – o acréscimo do diminutivo que concretiza ainda mais essa insignificância, além de sugerir um estágio de inocência. Este é o momento de sua constituição como narradora de sua história, e é neste instante inaugural que a protagonista, como num ato ritual, se constitui um ser inferior, insignificante, inocente perante sua sina. É importante deixar claro que muito embora um texto narrativo contemple uma infinidade de leituras, não se trata de um discurso em que é possível levantar hipóteses sobre a história pregressa da personagem, nem tampouco analisar qualquer dado alheio ao criado – e escrito – pelo autor.

Assim, levando-se em consideração que durante toda a narrativa não há sequer uma pista que leve ao nome da protagonista, pode-se afirmar que, enquanto o autor a nomeia “Polaquinha”, ela própria se nomeia “bobinha”, nomeações estas de estreita ligação como será discutido mais adiante.

E não é só neste primeiro instante que ela nomeia-se “bobinha”, mas em diversos outros pontos da narrativa e, embora não haja qualquer menção no texto de que ela esteja em situação de análise (como também não é dito em que circunstâncias ela conta sua história), é interessante lembrar o que diz Lacan no Seminário 9 – A Identificação – a respeito da importância do nome próprio de um paciente, pois, segundo ele “toda espécie de coisas pode esconder-se atrás dessa espécie de dissimulação ou de apagamento que haveria no nome, referindo-se às relações que ele tem para pôr em jogo com algum outro sujeito.” (LACAN, 1961, 2003, p. 83).

Deste modo é relevante destacar o caráter peculiar de se tratar o “nomear” na articulação de uma cadeia significante, visto que o sentido de um significante é gerado dos outros significantes que o seguem ou o precedem. Além disso, o significante tem a função de representar o sujeito e também de determiná-lo.

Nessa perspectiva, a Polaquinha estaria comunicando algo que talvez seja inerente à sua identidade, pois não só exprime como impõe logo no início de sua narração. Essa auto-instituição de uma identidade inferior pode ser vista como uma tentativa de mostrar-se como vítima, numa acusação que funciona como um destino, ou seja, não há saída, ela é intimada a ser conforme sua própria definição, à altura daquilo que já foi pré-definido na primeira palavra do romance, o primeiro significante, o traço unário com o qual a própria Polaquinha se define.

Sendo que nomear é mais que dar um nome e faz parte da própria constituição do sujeito, por consequência a nomeação permite a identificação ao traço unário, e neste sentido o traço unário se refere à primeira marca do sujeito, constituindo-se como o acionador da subjetividade.

Deste modo, antes mesmo de começar a contar sua trajetória, ela parece conformada com seu destino, ou talvez reivindique do leitor um sentimento de pena diante de sua suposta ingenuidade.

Ao considerarmos a linguagem elemento fundamental para a constituição do psiquismo, um nome pode alienar um sujeito aos significantes que já estavam atrelados a este nome, o que colabora para marcar uma posição do sujeito: “O que Freud nos ensina (...) é que o sujeito segue o veio do simbólico, (...) não é apenas o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade (...) que, mais dóceis que carneiros, modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo.” (LACAN, 1956, 1998, p. 33).

Ora, por que estaria a Polaquinha de Trevisan nomeando-se de tal modo? Uma segunda leitura pode entender o “bobinha” como empregado de forma irônica, ou seja, “ouvido” às avessas. Assim sendo, o adjetivo funcionaria como um recurso artiloso, visando dissimular quem ela é, suas intenções, a veracidade de sua história. O acréscimo do diminutivo, além de sugerir um estágio de inocência como já discutido acima, também é efetivo neste caso, pois uma das características do estilo do autor é a ironia, que está presente, por exemplo, no uso recorrente do diminutivo. Contudo, a dissimulação da Polaquinha não será bem-sucedida.

Na seqüência, a frase em negativa – “de mim já não falo” –, precedida do adjetivo no diminutivo, pode ser entendida como uma afirmação, ou seja, “de mim já falo”. A supressão do “não” se justifica pelo julgamento que ela fez de si própria ao auto afirmar-se “Bobinha”. O fato de opinar sobre si, tecendo um comentário sobre sua identidade, deixa claro que é de si que a protagonista fala, e a presença do advérbio “já” confirma isto. Se fosse imprescindível a compreensão da sentença como uma negativa, o “já” seria completamente dispensável, e Trevisan, reconhecidamente avesso a exageros lingüísticos, não empregaria um advérbio desnecessariamente.

É sabido o quanto Trevisan é criterioso com a estrutura de seus textos, e suas narrativas só são possíveis por estarem aliadas ao seu estilo, lapidado e polido ao extremo, pois o autor utiliza técnicas que priorizam a extrema concisão e simplicidade, porém sem quebrar ou banalizar a estética da narrativa. Ou seja, a tarefa na qual Trevisan se empenha é a de ir eliminando planos, reduzindo o texto a sua economia máxima.

Logo, o “já” não estaria presente na narrativa se não fosse absolutamente essencial ao contexto, no entanto o “não” é dispensável, pois a Polaquinha quer sim falar dela, e “já” tinha falado quando do “bobinha”.

Por que então a presença do “não”?

A sentença “de mim já não falo”, vista de forma isolada, dá margem a uma interpretação que pode enriquecer a explanação acima. Se a protagonista se considera insignificante, por extensão também considera sem importância sua história, então ela enfatiza *já* de início a insignificância também de seu discurso, ou seja, que diferença faz de quem se fala, se não é nada de importante, se é um discurso proferido por alguém sem nenhum mérito ou destaque social? Além disso, esse desmerecimento de si própria é flagrante em outras falas da protagonista:

Eu, de mim – pobrinha de mim, não era nada. (TREVISAN, 1985, p. 30).

Complexada, por que baixinha? (TREVISAN, 1985, p. 10).

E eu, putinha de mim? (TREVISAN, 1985, p. 25).

Uma outra interpretação para a frase “de mim já não falo”, pode remeter a um desejo de ocultar algo de si própria e, por que não, de seu interlocutor/leitor. Não há, por exemplo, o pedido de um interlocutor, nem mesmo um contexto anterior que a intime a contar sua história. Desta forma pode-se compreender a negação na fala da protagonista como um repúdio, por projeção, de algo de sua história que faz com que ela preferisse ficar calada, e um impulso, talvez inconsciente, faz com que ela comece a falar, porém com o alibi da negativa. Freud em seu estudo sobre *A Negativa* (FREUD, 1925, 1996), trabalha a forma como seus pacientes apresentam suas associações durante o trabalho de análise, e observa o quanto o recurso da negativa é utilizado por estes em momentos que falam de algo que lhe causam total ou parcial rejeição:

(...)o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. (...) Negar algo em um

juízo é, no fundo, dizer: Isto é algo que eu preferia reprimir. (FREUD, 1925, 1996, p. 265 e 266).

Importante ressaltar que a escolha feita por Trevisan é a narração em primeira pessoa, ou seja, há uma narradora protagonista sem a intervenção de nenhuma outra voz narrativa. Segundo Roland Barthes “o ‘eu’ remete a narrativa para a falsa naturalidade de uma confiança” (BARTHES, 1971, p. 48). Nesta perspectiva, pode-se afirmar que há uma estreita ligação entre a escolha de Trevisan por uma narrativa em primeira pessoa, a ironia na utilização do “Bobinha”, e as conclusões a respeito da negativa feitas por Freud: a protagonista-narradora disfarça, distancia-se de sua trajetória usando um artifício que tenta ocultar a intenção de falar de si mesma, enquanto que o artifício ficcional utilizado pelo autor é bastante semelhante, pois é a Polaquinha quem fala, quem julga, quem conta sua história, assim há um afastamento do autor, ele se distancia, dissimula sua presença no texto, ao mesmo tempo em que faz com que conteúdo e forma andem lado a lado.

Além disso, é extremamente relevante a escolha de Trevisan quanto ao título de seu único romance: *A Polaquinha*, pois como bem ressalta Wilson Martins: “Se existe no Paraná um ‘quisto racial’ ou étnico, é muito mais provável que seja constituído dos poloneses.” (MARTINS, 1955, p. 151).

A figura da polaca pode ser encontrada em muitos outros textos de Trevisan, sendo que a expressão *polaca* tanto pode ser a colona dos tempos pré-industriais, como também uma meretriz, o que de uma forma ou de outra desmerecia quem recebia o apelido devido ao preconceito que os curitibanos e imigrantes de outras etnias tinham pelos poloneses.

Uma rápida busca ao dicionário nos leva ao seguinte: *Polaca*: mulher nascida ou habitante da Polônia; polonesa. Ou ainda, numa acepção pejorativa: mulher da vida, meretriz. Margareth Rago, em estudo sobre prostituição e sexualidade feminina (RAGO, 1991) investiga o conceito da palavra “polaca” no Brasil e em outros países da América do Sul. Porém, como afirma Margareth Rago: “o fenômeno (o tráfico das mulheres brancas) teve repercussão bastante ampla, levando mesmo a que se associasse o termo ‘polaca’ a ‘prostituta.’” (RAGO, 1991, p. 291).

Pierre Bourdieu em seu estudo sobre *Ritos de instituição*, ressalta a importância da escolha das palavras (BOURDIEU, 1998, p. 97), afirmando que ao nomear algo ou alguém, está se consagrando uma diferença, concepção esta muito semelhante às construções lacanianas que enfatizam a importância do nome próprio para a constituição do sujeito por promover uma inscrição é uma diferenciação a partir de uma herança simbólica.

No final do século XIX (DEL PRIORE, 2004, p. 296) em algumas cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro e também em Curitiba, ser “uma polaca” despertava conotação

pejorativa, ressoando aos ouvidos como “uma prostituta”. Além disso, é importante ressaltar que esta inclusão da acepção pejorativa à expressão “polaca” não se deu somente na oralidade, como também não é uma exclusividade de lugares onde a imigração polonesa foi mais intensa como Curitiba e arredores; a conotação pejorativa consta, ainda nos dias atuais, em diversos dicionários.

Ao nomear seu romance, Trevisan não o fez de forma aleatória, e nem tampouco há qualquer menção no livro de que a protagonista seja polonesa ou descendente. Assim na escolha do título, já pode estar implícito o destino da protagonista, uma antecipação de que, apesar de tentar alternativas na vida – “E eu, putinha de mim? Mais uma vez reprovada no vestibular” (TREVISAN, 1985, p. 25) – não há escapatória em seu destino, ou seja, a acepção “prostituta” é, desde o título, uma marca indelével que a protagonista irá carregar durante toda narrativa.

A instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou um estigma, é a imposição de um nome, isto é, de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É *fazer ver* a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. Neste caso, o indicativo é um imperativo. (...) Instituir, dar uma definição social, uma identidade, é também impor limites, fazer o que é de sua essência fazer e não qualquer outra coisa. (BOURDIEU, 1998, p. 100).

“Ser polaca”, loira, é um atributo nunca ignorado por seus amantes, seja chamando-a de “polaca”, “polaquinha” ou “loira fatal”, como também nunca contestado por ela, pois fala desse lugar:

(...) o significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico. (LACAN, 1998, p. 34).

A etnia, a acepção negativa da expressão e a maneira como ela própria se identifica na primeira palavra da obra – *Bobinha* – traz de uma forma ou de outra uma marca, uma diferença: é a *Polaquinha* de Dalton Trevisan que fala, que interpela o interlocutor/leitor, que deseja falar. Portanto, se tenta dissimular quem é, ironiza, ou mesmo se repudia algo de sua história, nada importa, pois, irremediavelmente submetida à linguagem, ela não consegue deixar de falar, e fala já desde o início de si, unicamente de si própria.

## Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. 2ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed., São Paulo: Contexto, 2004.

FREUD, Sigmund. A negativa. (1925). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. São Paulo: Imago, 1996.

———. Escritores criativos e devaneio (1908[1907]). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. IX. São Paulo: Imago, 1996.

———. O Moisés de Michelangelo (1914). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XIII. São Paulo: Imago, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LACAN, Jacques. **A identificação: seminário 1961-1962**. Tradução Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

———. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre o fenômeno de aculturação do Paraná**. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RESENDE, Otto Lara. A Polaquinha. In: TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. 7ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. 7ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

**Sobre a autora:** Rosangela Nascimento é psicanalista e mestre em Letras – Estudos Literários pela UFPR.